

Título Eu fui olhar as minhas janelas
Data 08 de outubro de 2026
Publicação Piauí

Autor Danilo Marques
Artista Lucia Laguna

despedida

“EU FUI OLHAR AS MINHAS JANELAS”

E assim Lucia Laguna capturou a visão dos subúrbios cariocas em sua pintura exuberante

DANILO MARQUES

O centro do mundo era uma casa no número 38F, da Rua Nazário, no bairro de São Francisco Xavier, na cidade do Rio de Janeiro. É uma moradia de três andares, com uma varanda arejada, sala, cozinha, banheiros, três quartos e um salão amplo no último piso, nos moldes da arquitetura suburbana carioca. Foi construída em meados dos anos 1970 em um terreno estreito, e é difícil precisar quando as obras acabaram, se é que acabaram.

Como a casa era o centro, das amplas janelas se avistava a periferia do mundo: o Morro da Mangueira, com sua favela ao longe, as linhas Vermelha e Amarela – as duas vias expressas mais importantes do Rio –, o trânsito interminável de ônibus, carros e caminhões, o amontoado de prédios, casas, postes, grades, um grande bambuzal, as robustas folhagens das árvores dos quintais e, mais distante, o Dedo de Deus, formação rochosa na forma de mão, na serra fluminense. Tudo isso formava e ainda forma uma vertiginosa e tensa acumulação de estruturas, cores e materiais no horizonte avistado de cada janela.

Os quartos desocupados da casa foram sendo preenchidos de quinquilharias ao longo do tempo. Em um deles, estavam afixados na parede cartões-postais, fotos, calendários de anos passados, reproduções de pinturas clássicas, entre elas *Descida da cruz*, de Van der Weyden, além de cartazes com as frases “uma coisa, quando muda de lugar,

significa outra coisa?” e “o mundo é o que se vê de onde se está”.

Por quatro décadas, foi nessa casa da São Francisco Xavier que morou Lucia Laguna, uma mulher de estatura baixa, semblante contido e que às vezes apoiava os óculos na ponta do nariz. Até os 53 anos, ela trabalhou como professora de português e literatura numa escola pública. Em 1994, quando se aposentou, disse para si mesma que não queria uma velhice que “se resumisse a fazer crochê”.

Numa semana de janeiro do ano seguinte, quando ia ao cinema no bairro da Gávea, o ônibus passou pelo Jardim Botânico, e Laguna notou um palacete de estilo eclético no meio de um bosque – era a construção principal do Parque Lage, erguida na década de 1920. Ela resolveu saltar e visitar o local, desistindo do filme. Dias antes, vira na tevê uma notícia sobre a Escola de Artes Visuais do Parque Lage, aberta a pessoas de todas as idades, com cursos de pintura, aquarela, escultura, modelo vivo e outras atividades.

Laguna teve uma iluminação: decidiu se matricular num dos cursos da escola. Era uma boa solução para evitar o crochê na aposentadoria. Como ela não estava à procura de um hobby, mas de uma “atividade intelectual”, nas suas palavras, optou por encarar um dos programas mais exigentes e se inscreveu no curso de pintura de Luiz Ernesto, artista relacionado ao movimento chamado Geração 80.

Não foi o único curso feito pela aposentada naquela escola. Nos anos seguintes, Laguna fez vários outros, passando a ir quase diariamente ao Parque Lage. Quem costumava levá-la de carro era o marido, Severiano Sancho Laguna, em uma velha Parati, cujo porta-malas ficava cheio de telas, tintas e outros materiais. De curso em curso, ela foi tomando gosto pelas atividades artísticas e se especializando em algumas delas, em particular a pintura.

Não demorou para que tomasse coragem e fizesse sua primeira exposição individual. Em 1998, três anos depois de iniciar nas artes plásticas, ela abriu a mostra chamada simplesmente *Lucia Laguna: pintura*, na Pequena Galeria do Centro Cultural Cândido Mendes, no Centro do Rio. A repercussão foi positiva, mas seria preciso esperar até 2002 e a exposição *Entre a linha vermelha e a linha amarela* para que a crítica finalmente se interessasse por seu trabalho. Havia a curiosidade de Laguna ter se iniciado na pintura quando já beirava os 60 anos, mas o que surpreendeu mesmo foi a intensidade e a exuberância de suas telas, que lançavam um olhar bastante singular sobre a paisagem do Rio e dos subúrbios cariocas.

Em 2006, a artista foi convidada a participar do programa Rumos, um panorama de arte contemporânea brasileira promovido pelo Itaú Cultural. Também foi indicada ao Prêmio CNI Sesi Marcantonio Vilaça, de artes plásticas, que possibilitava ao artista selecio-

nado ser acompanhado durante quase três anos por um crítico – até que realizasse um conjunto de obras a serem apresentadas ao final em uma exposição coletiva. O crítico e curador escolhido para acompanhar Laguna foi Paulo Herkenhoff, um dos principais do país. Três anos depois, no catálogo da exposição final, ele abriu assim seu texto de apresentação da artista: “Lucia Laguna é uma das grandes revelações da pintura no Brasil neste início do século XXI.” A artista-revelação tinha 67 anos.

A partir daí, tudo acelerou para ela. Em 2012, Laguna foi um dos destaques da 30ª Bienal de São Paulo, junto com 22 nomes das artes brasileiras e 111 das artes mundiais. Para o evento, ela preparou 35 pinturas exclusivas que tinham como referência o prédio da própria Bienal e seu entorno, o Parque Ibirapuera. A demanda de colecionadores pelos seus quadros também não demorou a acontecer, e seu trabalho se tornou um “estrondoso sucesso”, como lembram Márcia Fortes e Alexandre Gabriel, da galeria Fortes D'Aloia & Gabriel, de São Paulo, que representa a obra de Laguna.

A sua pintura também chamou a atenção de especialistas estrangeiros. Depois da Bienal, seguiram-se exposições nos Estados Unidos, Portugal, Espanha, Inglaterra, França, Bélgica e Alemanha. Entre 14 de maio e 27 de junho passado, uma exposição individual da artista, intitulada *Only my hair is white...* (Apenas meus cabelos são brancos...), aconteceu na Galerie Lelong, em Nova

Título Eu fui olhar as minhas janelas
Data 08 de outubro de 2026
Publicação Piauí

Autor Danilo Marques
Artista Lucia Laguna



Lucia Laguna em seu ateliê em Laranjeiras, em setembro: depois de sofrer seis quedas, ela se mudou da casa da Rua Nazário para um prédio com elevador, onde instalou seu novo local de trabalho

York, com curadoria de Larry Ossei-Mensah. Na abertura da exibição, a galerista Mary Sabbatino fez um brinde a Laguna, recorrendo a um trocadilho com a expressão inglesa para designar a idade. Em vez de dizer que Laguna era *85 years old*, Sabbatino saudou a artista *85 years young* – 85 anos mais nova.

Na manhã do dia 21 de setembro passado, a artista se preparava para mais um dia de trabalho quando passou mal. Foi amparada por sua acompanhante de longa data, Claudia Cristina Rangel, que chamou de imediato uma ambulância. Era uma parada cardíaca. Numa primeira tentativa, com a ajuda de um desfibrilador, os paramédicos conseguiram reanimá-la. Mas pouco depois o coração parou de vez. Laguna deixou a filha, Laura, dois netos, inúmeros amigos e admiradores, além de três telas finalizadas e oito não terminadas. Uma exposição de seus trabalhos prevista para o ano que vem na Fundação Iberê Camargo, em Porto Alegre, vai se tornar agora uma retrospectiva de sua obra, e deve rodar o Brasil.

No dia seguinte à sua morte, durante o velório no Cemitério do Caju, no Rio de Janeiro, familiares e amigos repetiam que ela se fora do jeito que imaginava: acometida de um mal súbito. A artista foi cremada sob uma forte salva de palmas.

Seis dias antes, Laguna tinha feito a foto que acompanha este perfil. Estava com dificuldade para subir escadas, mas parecia gozar de boa saúde. Dois dias depois, para mais retratos,

ela visitou pela última vez a casa onde viveu na Rua Nazário – o centro de seu mundo e de sua arte.

Na adolescência, Lucia Laguna tomou uma decisão: iria se dedicar à vida religiosa. Embora não fosse uma católica tão fervorosa assim, sentia-se atraída pelas chances que se abriam caso se tornasse freira, como poder estudar e viajar. Ela não queria permanecer o resto da vida em sua cidade natal, Campos dos Goytacazes, no interior fluminense.

Caçula de nove irmãos, Laguna era um “típico moleque” – na sua própria definição –, que gostava de trepar nas mangueiras no amplo quintal de sua casa, cavar buracos na terra e jogar bolinha de gude no bairro modesto onde vivia sua família. Seu pai, Antônio de Flers, um homem um tanto severo de ascendência francesa, trabalhava no setor administrativo de uma usina de açúcar. A mãe, Milta Gambaro, não era nem feliz nem triste, na descrição que Laguna fez à *piauí* poucos dias antes de morrer: “Ela andava sempre atrás do meu pai, fazendo as coisas que ele queria, na palma da mão.”

A menina foi matriculada no Colégio Nossa Senhora Auxiliadora, mantido por freiras salesianas exclusivamente para pessoas do sexo feminino. A escola era um contraponto à austeridade que reinava em sua casa. Ali, Laguna aprendeu a tocar violão, costurar, cozinhar, tomou gosto por jardinagem e

trabalhos manuais. Além disso, fez parte do time de vôlei. Ela se animava especialmente com as viagens que fazia para competir em outras localidades.

Disposta a certas renúncias para poder deixar Campos dos Goytacazes, resolveu fazer o caminho até o noviciado, planejando ser freira e professora. “Isso tinha a ver com o vislumbre de uma condição de vida um pouco melhor. Uma possibilidade, principalmente, de sair de minha cidade”, me disse a artista. No início da década de 1960, ela se despediu da família e foi para São João del-Rei, em Minas Gerais, fazer a graduação em letras na Faculdade Dom Bosco de Filosofia, Ciências e Letras, também dirigida por salesianos. Ao mesmo tempo, passou a conviver com as freiras na congregação, a fim de conhecer a rotina e aprofundar os estudos teológicos.

Foi na faculdade em São João del-Rei que ela conheceu o padre espanhol e professor de filosofia Severiano Sancho Laguna. Filho de camponeses, ele nasceu em Segóvia, em plena ditadura de Francisco Franco, e desembarcava no Brasil no começo da década de 1960, quando os militares instalavam um regime autoritário no país. Os dois costumavam se ver no refeitório da escola – e só.

Chegou então a época de Laguna fazer os votos perpétuos para freira. Um mês antes, procurou a madre superiora e confessou que “aquilo” não servia para ela. Formada em letras, deixou o convento em São João del-Rei no

início dos anos 1970 e foi para o Rio de Janeiro, onde se instalou num quarto alugado no bairro de Laranjeiras.

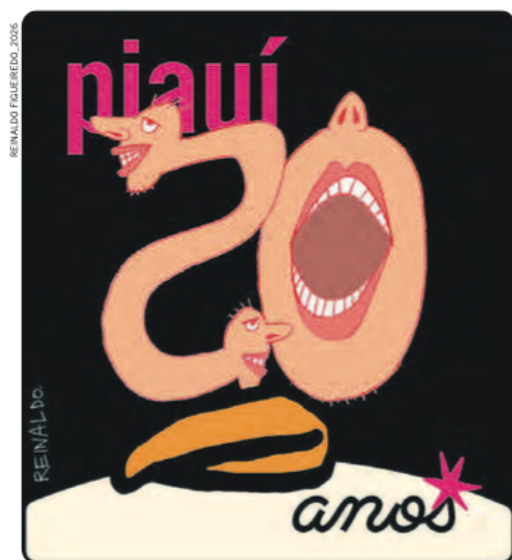
A ditadura tinha feito, em 1971, uma reforma no ensino que transformara as aulas de português em uma disciplina chamada “comunicação e expressão” no ginásio (equivalente ao período que vai do sexto ao nono ano do fundamental). Laguna fez concurso para lecionar em colégio público e foi aprovada. Na hora de escolher onde queria trabalhar, fitou o mapa do Rio de Janeiro – cidade que ainda não conhecia muito bem – e viu, em destaque, o nome Padre Miguel, que logo associou à famosa escola de samba. Optou por lecionar em uma escola desse bairro da Zona Oeste.

Laguna se mostrava cheia de reticências ao falar do passado, especialmente quando o assunto era Sancho Laguna. Mas ela contou que, com o endurecimento da ditadura, o padre espanhol se envolveu com grupos clandestinos de esquerda, até que, no início dos anos 1970, deixou o sacerdócio.

Os dois voltaram a se encontrar no Rio, mas em total discrição, por serem um casal de namorados formado por uma ex-novicia e um ex-padre. Ambos tinham alçado posições sociais um pouco mais confortáveis. Ela, como professora de comunicação e expressão em uma escola pública. Ele, como professor de filosofia na Universidade Gama Filho, que vivia seus anos de ouro (depois foi extinta). Por causa das facilidades de locomoção de que dis-

Título Eu fui olhar as minhas janelas
Data 08 de outubro de 2026
Publicação Piauí

Autor Danilo Marques
Artista Lucia Laguna



punham no bairro de São Francisco Xavier – os ônibus, os trens, o metrô e o primeiro trecho da Linha Vermelha, inaugurada em 1978 –, eles resolveram comprar a casa da Rua Nazarí. Além das comodidades urbanas, Laguna achou bonita a rua, com a encosta de uma montanha ao fundo.

Sancho Laguna fez algumas adaptações no imóvel, erguendo ele mesmo o segundo e o terceiro pisos com a ajuda de um único pedreiro. Também construiu alguns dos móveis da casa (ele já trabalhara como professor de marcenaria em locais de detenção de menores infratores). Laguna seguiu dando aulas e tentando, quando possível, ampliar o horizonte de seus alunos na escola pública. Certa vez, espalhou bacias com diversos objetos e materiais numa sala escura para que os estudantes tocassem e depois descrevessem por escrito o que tinham sentido. Ela também mostrava aos alunos quadros de artistas célebres reproduzidos na coleção *Gênios da pintura*, uma série em fascículos publicada pela Editora Abril.

Em 1978, nasceu a única filha do casal, Laura. Quando a menina completou 3 anos, Laguna passou a frequentar cursos de artes manuais, como cerâmica, serigrafia e joalheria, no Centro de Artes Calouste Gulbenkian, no Centro do Rio. O aprendizado a ajudou a aperfeiçoar os brinquedos que ela e Sancho Laguna costumavam criar para a filha – e que acabaram chamando a atenção de alguns pais e professores com os quais eles conviviam. Os dois começaram a receber encomendas de brinquedos. Como os pedidos continuaram, cada vez em maior número, eles se animaram a criar uma pequena fábrica na grande sala do terceiro piso, chamada Made in Casa.

A escala do negócio mudou quando a empresa venceu uma licitação da Prefeitura do Rio para a venda de brinquedos destinados a creches e escolas de educação infantil. A Made in Casa teve que se mudar para um espaço maior: um galpão aos pés do Morro da Mangueira, não muito longe de onde o casal morava. Na fábrica, enquanto seu marido cuidava das tarefas mais pesadas, Laguna se ocupava da pintura de pequenos elementos nos brinquedos, como bichos sorridentes.

Muitos anos depois da aposentadoria, a artista ainda mantinha um certo tom professoral. Nos encontros que tivemos para a elaboração deste perfil, ela me chamava às vezes de “menino”, com sua voz suave. E ela mesma admitiu: “Eu não deixei de ser professora.” Teria sido ainda por mais tempo, não tivesse ocorrido a expansão do crime organizado no entorno da escola onde trabalhava, no bairro Padre Miguel. Certa vez, traficantes armados chegaram a roubar a merenda dos alunos.

Embora não estivesse muito confortável com a ideia de parar de dar aulas, Laguna avaliou que, ao se aposentar, teria ao menos esta vantagem: poderia se dedicar mais à fábrica de brinquedos, que tinha se tornado a principal fonte de renda da família. A filha, já crescida, não exigia tanto de sua atenção.

Em 1993, Laguna deu entrada na aposentadoria, que saiu do papel em meados do ano seguinte. Mas, ao contrário do que imaginava, os primeiros meses longe das salas de aula foram para ela “um marasmo”. Afinal, não havia nada de muito interessante a fazer na fábrica de brinquedos, que já se transformara num negócio consolidado, com alguns poucos funcionários. Quando não estava na fábrica, ela pas-

sava dias inteiros na casa da Rua Nazarí, sozinha, buscando um caminho que não passasse pelo crochê.

Foi quando Laguna descobriu a Escola de Artes Visuais do Parque Lage.

O palacete do Parque Lage está atualmente em reformas. Os trabalhos devem durar até o início do ano que vem. É uma restauração minuciosa, que revelou afrescos desconhecidos em diversos cômodos. Enquanto isso, a escola teve que improvisar para não interromper os vários cursos – e instalou-se na cavalaria, uma construção anexa onde eram guardados os corcéis do milionário Henrique Lage.

Antes, as aulas eram dadas nos pisos térreo e inferior do requintado prédio construído pelo arquiteto italiano Mario Vodret na década de 1920 para ser a residência de Lage e sua mulher, a cantora lírica italiana Gabriella Besanzoni. O local teve outros proprietários, mas por fim o estado do Rio de Janeiro acabou assumindo a administração do palacete e de toda a área verde em torno, com 520 mil m². Em 1966, por iniciativa do artista plástico Rubens Gerchman, uma escola de artes visuais foi transferida para lá, com cursos abertos e nada acadêmicos.

A escola transformou em dedicados professores um elenco de artistas, curadores e críticos, de Mario Pedrosa a Anna Bella Geiger, de Lygia Pape a Luiz Aquila. Acabou se tornando também um laboratório de novos talentos. Pelos seus cursos, passaram vários jovens que se tornariam artistas de renome, como Beatriz Milhazes, Luiz Zerbini, Ernesto Neto, Daniel Senise, Laura Lima, Rosângela Renó, Adriana Varejão e Allan Weber.

São muitos os cursos dados por artistas e curadores – de segunda a sábado –, como o de modelo vivo de Gianguido Bonfanti, o de curadoria de Sonia Salcedo del Castillo, o de aquarela de Alberto Kaplan, o de escultura de Carlos Bevilacqua, o de gravação de Gabriel Vieira, o de desenho de Luciane Chio e os de pintura de Luiz Ernesto, Bruno Miguel e Bernardo Magina.

Depois do curso de pintura com Luiz Ernesto, entusiasmada com a nova atividade, Lucia Laguna estudou com Katie van Scherpenberg, Anna Bella Geiger e Fernando Cocchiarale. Ela fez bons amigos nessa época. Laura Laguna, sua filha, conta que, quando ia encontrar a mãe depois da aula no Parque Lage, às vezes deparava com ela rodeada de jovens, bebendo caipirinha.

Alguns meses depois do início das aulas de pintura, Laguna decidiu fazer um ateliê no terceiro piso da sua casa, onde antes funcionara a fábrica de brinquedos. Cobriu o chão de lonas transparentes e passou a preparar ali as pinturas solicitadas pelos professores. Como

achava que não tinha tempo a perder devido à idade, varava dias e noites no ateliê, tentando encontrar um caminho para sua pintura. Ela tinha certo gosto pela arte abstrata, e seus primeiros trabalhos contêm manchas meio enevoadas, com cores em tons terrosos – a artista ainda não encontrara o valor das estruturas geométricas, das sobreposições e recortes que marcariam sua obra futura.

As coisas começaram a mudar quando Laguna se matriculou no curso de Charles Watson, um professor e artista escocês de 75 anos que vive e dá aulas no Brasil há quatro décadas. “Watson me deu uma orientação precisa, incisiva, impiedosa, abrangente, generosa e mudou a minha vida”, diria Laguna a Paulo Herkenhoff, anos depois. “Não foi apenas a vida dela que Watson mudou, mas de uma penca de artistas brasileiros que acompanharam seus cursos, como Adriana Varejão, Beatriz Milhazes, Eduardo Berliner e Cadu.

Alto, de feição quase sempre séria, Watson mora em um apartamento de dois pisos em Laranjeiras, com uma quantidade assombrosa de livros sobre os mais variados assuntos espalhados por todo canto. Ele justifica a faustosa biblioteca dizendo, com uma ponta de orgulho, que é um polímata. Foi a curiosidade que o levou a exercer profissões tão díspares como a de pescador, artista, marceneiro e professor.

Na época em que Laguna fez o curso de Watson, ele só aceitava novos estudantes após entrevistá-los. “Eu achava isso interessante, porque as pessoas fugiam das minhas aulas por acharem muito rigorosas”, diz ele. A artista me contou que os comentários do professor eram às vezes bastante ásperos: “Ele não tinha muitas papas na língua.” Embora tivesse sido uma professora condescendente com os seus estudantes, como aluna de artes ela se interessou por esse mentor exigente. Estava decidida a construir um trabalho consistente e ficou fascinada pelo método de Watson, que exige persistência, rigor, constância e até obsessão.

Laguna logo se destacou no curso. “Ela era a primeira a chegar e a última a sair. Havia um senso de urgência no que fazia. Afinal, estava com 54 anos. Começou tarde. Não tinha tempo a perder”, diz Watson. “Isso é uma das coisas mais importantes na performance criativa e tem pouco a ver com talento inato. Tem a ver com disponibilidade e comprometimento. Lucia tinha os dois. Uns seis meses depois de ela começar o curso, isso ficou claro para mim.” Para o professor, uma suposta aptidão artística não garante uma carreira de peso. É preciso trabalhar muito e errar muito, até encontrar o próprio caminho. Ele recorre ao futebol para exemplificar como o erro faz parte da formação de

Título Eu fui olhar as minhas janelas
Data 08 de outubro de 2026
Publicação Piauí

Autor Danilo Marques
Artista Lucia Laguna

um artista: “O mesmo jogador que mais marcou gols de pênalti na história é também o que mais errou.”

Watson foi aluno e assistente do artista britânico Howard Hodgkin (1932-2017). Em 1975, o crítico Roberto Pontual, então diretor do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM Rio), o convidou para uma residência artística no Brasil. Como não tinha dinheiro para a passagem de avião, o jovem pintor viajou da Inglaterra até o Rio em um navio cargueiro. No mesmo ano da chegada, expôs um trabalho no Salão de Verão, evento anual realizado entre 1969 e 1975 no MAM Rio, e ganhou um dos prêmios de aquisição do museu. Logo fez uma exposição individual em uma galeria em Copacabana. Com a repercussão favorável da crítica, foi convidado a fazer parte do corpo de professores da Escola de Artes Visuais do Parque Lage, formando com Luiz Aquila e John Nicholson uma tríade importante para a formação dos artistas da Geração 80.

Com o passar dos anos, Watson acabou desistindo de fazer sua própria arte e preferiu se dedicar à dos outros, orientando-os em seus cursos. Nunca deixou de dar aulas no Parque Lage e ficou conhecido especialmente pelo programa de estudos Dynamic Encounters (encontros dinâmicos), em funcionamento até hoje, voltado para estimular a criatividade – a sua grande obsessão intelectual.

O professor convidou Laguna para participar do Dynamic Encounters, que reúne cerca de vinte pessoas interessadas em desenvolver uma obra pessoal, não necessariamente voltada às artes visuais. Durante os encontros semanais, que acontecem no apartamento de Watson ou em seu ateliê, ele propõe atividades, leituras comentadas e encontros com artistas de renome. “Apenas uma minoria chega a ponto de desenvolver um corpo de trabalho consistente”, ele avalia. “Os demais estão ali por razões educacionais. Muitos migram de um grupo para outro. Tornam-se o que chamo de estudantes profissionais.”

Com Watson, Laguna descobriu aquilo que ele próprio havia aprendido com Howard Hodgkin. Um dia, o artista britânico pediu ao assistente que começasse uma pintura. O jovem Watson ficou confuso e temeroso, com o pincel na mão trêmula. Tentou reproduzir os trabalhos de Hodgkin e ouviu, expressa em tom duro, uma frase que nunca esqueceu: “Não é nada disso que eu quero. Não pense em pintar igual a mim. Eu preciso de alguém que eu possa chutar.” Watson não soube o que responder. Hodgkin prosseguiu: “Não pense que eu te chamei porque você é um grande pintor.

Te chamei porque vi em você uma pessoa com quem eu posso discutir.”

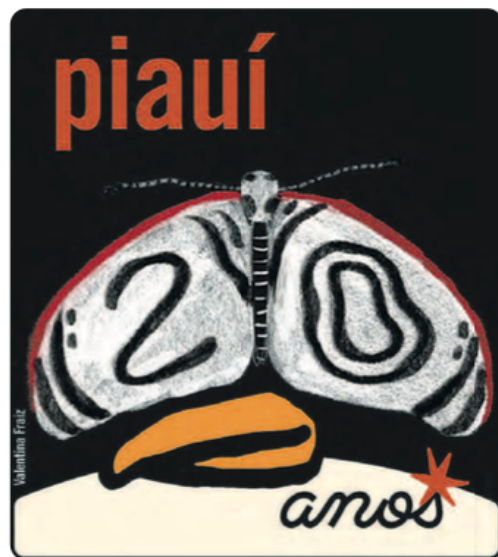
A partir de então, Watson entendeu que deveria investir na direção oposta ao trabalho de Hodgkin. Era preciso criar um problema – para que o mentor chutasse, como num jogo. Foi quando Watson começou a desenvolver, em pinturas sobre madeira, desafios que abriam grandes frestas para o acaso, e cujas jogadas seguintes era impossível prever. Ele hoje chama esse procedimento de “violação de esquema”. Consiste na criação intencional de um problema acidental num dado plano ou esquema – para, depois, tentar resolvê-lo. É uma forma de “introduzir informações aleatórias em um sistema criativo a fim de reduzir a previsibilidade estilística e criar surpresas”, ele explica.

Laguna me contou que, apesar do jeito incisivo de Watson, os dois passaram a ter uma relação de cumplicidade. Em uma de nossas últimas conversas, ela recordou com carinho a convivência com o professor e os colegas, aquela “boemia intelectual” da turma dos encontros dinâmicos. Era curioso ouvi-la falar sobre essa época, porque as lembranças vinham expressas no mesmo tom nostálgico com que recordava a sua juventude. Ela parecia ter vivido duas adolescências.

Um dos colegas de Laguna na turma de alunos de Watson foi o artista plástico Eduardo Berliner, hoje com 48 anos. Ele desenhava desde muito tempo, mas nunca havia trabalhado com pintura, porque achava que nada tinha a acrescentar à vasta tradição dessa arte. Num dos encontros na casa de Watson, Laguna pediu que o professor passasse um exercício de pintura a óleo. Berliner também participou da atividade e, a partir de então, nunca mais parou de pintar. Ele e Laguna ficaram próximos, e foi ela quem lhe ensinou algumas etapas práticas do ofício, como esticar telas, preparar a base de gesso e misturar tintas. “Lucia é como uma tatuagem que se gravou em meu cérebro”, diz Berliner.

Ele conta que, quando foi fazer o mestrado em tipografia na Universidade de Reading, na Inglaterra, no início dos anos 2000, lembrava-se do trabalho da amiga constantemente, ao reparar em detalhes de objetos nas ruas ou na vista de sua janela. Laguna enviava para ele cartas com restos de fita-crepe, material que ela passava a utilizar em suas pinturas para produzir sobreposições.

Em seu ateliê no Centro do Rio, uma casa espaçosa aos pés da Escadaria Selarón, Berliner me mostrou as suas telas, apontando nelas alguns elementos que foram tocados pela pintura de Laguna. Em sua própria casa, ele guarda um pequeno quadro dela – uma exceção na obra da pinto-



ra, que prefere grandes formatos –, feito de uma colagem de fitas-crepe sujas de tinta. Está afixado a uma parede que Berliner consegue ver da porta do seu quarto, o que o leva a ter um encontro diário, quase religioso, com a obra da amiga.

Lucia Laguna já demonstrara, um curso após o outro, ter talento para a pintura. Mas isso não bastava, dizia Charles Watson. Faltava um foco que guiasse seu trabalho, o que causava nela certo desespero. Um dia, depois de uma das aulas de Watson, ela se sentou num canto e chorou. “Eu descobri a pintura muito tarde”, lamentou. Seus colegas tinham em geral um terço da sua idade.

Watson também promove viagens internacionais para que os alunos visitem importantes museus e exposições. Com ele, Laguna também visitou bienais, galerias nos Estados Unidos e na Europa, e até ateliês, como os de Sean Scully e Cornelia Parker. Watson conta que às vezes se estressava com o olhar vagaroso de Laguna, que passava longos minutos mirando as telas em exposição. Ela estava em busca de algo poderoso, que abrisse um caminho para seu trabalho. Em uma viagem a Londres, entre o fim dos anos 1990 e início dos 2000, a artista escreveu às pressas num caderno de bolso:

Se eu quisesse falar da minha condição agora eu poderia usar casulos como mote e falaria disso com a cor ou com a pena fina sobre o papel ou buscaria traços brancos, tênues, transparentes, com a leveza de teias sobre o negro. Novelos. Traços ou velos. Ou manchas. Uns sobre os outros. Véus. Invólucros.

Sei também que os traços poderiam endurecer em fios finos, mas fortes de arame ou em agulhas cravadas. Ou es-

pelhar o que o feminino tem de ondulado, breve, grande e frágil e desfiar com paciência o linho, a seda ou algodão. Explorando a teia, o labirinto, os mapas, as plantas, as trilhas (cada palavra é um chip) ou me fechar no ovo. Completo.

Mas desfiar o tecido, colar, pendurar, tingir, ligar, ligar/desligar, esconder, mostrar, despistar. O tecido que já foi usado e vivido e retornado casulo, nó, mistério. Fios.

Será um bom mote? Preciso urgentemente de um mote. E bom.

Pouco tempo depois desse escrito, Laguna descobriu que seu “mote” estivera o tempo todo diante dela, em sua casa, ao se lembrar de um ditado meio piegas: “Sempre disseram que a pintura era a janela da alma. Então, eu fui olhar as minhas janelas”, ela contou. As seis janelas de seu ateliê davam vista para as paisagens que a rodeavam havia cerca de trinta anos na casa da Rua Nazário.

A artista de janelas abertas foi como o historiador Luiz Antonio Simas intitulou o seu ensaio sobre Laguna, publicado no livro *Lucia Laguna* da editora Cobogó. Nele, Simas diz que a pintora “dialoga com as decorações de inúmeras casas suburbanas, capazes de acumular objetos distintos que vão se juntando e criando algo, ao mesmo tempo, caótico e coeso. Nada nos subúrbios, afinal, se joga fora.”

Essa visão da paisagem se fez com uma técnica bem particular, que é uma espécie de acúmulo regrado de elementos díspares: folhagens, prédios, montanhas, objetos, casas, portas, aves, muros... Laguna encontrou uma forma de fazer sobreposições e recortes em suas pinturas, de modo a transmitir tanto a rica variedade quanto o caos da paisagem urbana carioca. Um dos recursos para obter as imagens por camadas sobrepos-

Título Eu fui olhar as minhas janelas
Data 08 de outubro de 2026
Publicação Piauí

Autor Danilo Marques
Artista Lucia Laguna



tas era recorrendo à fita-crepe – técnica aplicada nos cursos de Watson e a partir da qual ela desenvolveu um método próprio. Laguna cobria certas regiões do quadro já pintado com a fita-crepe e as repintava com outras formas e cores, passando por cima inclusive das áreas cobertas. Dias, semanas ou meses depois, ela retirava a fita, o que revelava inesperadas composições, já que ela própria se esquecera do que havia sido coberto. Se aquele novo arranjo, que parecia uma colagem, fizesse sentido para ela, a composição era mantida. Se não fizesse, ela repintava a parte descoberta sem cerimônia, com outras formas e cores, de modo a dar um jeito nos elementos incômodos e inesperados.

A artista Anna Bella Geiger, que também deu aulas para Laguna no Parque Lage, diz que a aluna, a despeito do pouco tempo que pintava, logo demonstrou “maturidade artística”. Geiger tem uma explicação para a facilidade com que Laguna encontrou seu caminho: o trabalho na fábrica de brinquedos. “Ela já lidava com o universo da criação”, afirma a professora, que chegou a comprar os brinquedos da Made in Casa.

Geiger diz que, na segunda exposição de Laguna, *Entre a linha vermelha e a linha amarela* (2002), ficou clara a capacidade da aluna de trabalhar “um abstracionismo muito próprio, operando num delicado gume que sempre flerta com o cotidiano suburbano”. O título da exposição dizia respeito tanto à predileção de Laguna por essas duas cores primárias, quanto às duas importantes vias expressas que ela avistava da janela.

O crítico Paulo Herkenhoff, que acompanhou o trabalho de Laguna por três anos no programa do Prêmio CNI Sesi Marcantonio Vilaça, descreve as três coisas que primeiro o fascinaram

no trabalho dela. Para começar, o que ele chama de “estratigrafia” – a acumulação de imagens, memórias, elementos e camadas materiais. Depois, a maneira como ela conseguia traduzir a lógica da “cidade partida”, o Rio de Janeiro, com “fraturas, estilhaços, vedações, rasuras, precariedade material e puxadinhos”, reproduzindo por consequência o “abismo social” da sociedade brasileira. Por fim, o modo como lidava com o outro – em um caso específico, seus assistentes, que passaram a ajudá-la desde que aumentou a demanda de colecionadores por seus quadros. Eles eram também os responsáveis por fazerem a “violação no esquema” inicial, colocando os problemas a serem solucionados por Laguna.

Um de seus primeiros assistentes foi Rafael Alonso, hoje com 43 anos, que começou a trabalhar no ateliê da artista em janeiro de 2008, indicado por um professor da Escola de Belas Artes da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). No encontro inicial dos dois, Laguna pediu que Alonso desenhasse em uma grande tela qualquer coisa que lhe viesse à cabeça, mas que evitasse paisagens, sobretudo aquelas que tinha à sua frente, nas janelas do ateliê. Alonso decidiu desenhar um coelho morto, de cabeça para baixo, como a lebre que viu em uma famosa tela do pintor francês Jean-Baptiste-Simeón Chardin (1699-1779). Ele passou algumas horas da manhã nessa tarefa.

Na hora do almoço, foi convidado a comer junto com Laguna e o marido – que, em razão de um derrame, falava pouco e com dificuldade. Já era de tarde quando Alonso ouviu o som de helicópteros da Polícia Militar e um tiroteio. Rapidamente, encolheu-se debaixo da janela. Laguna continuou

pintando, como se nada estivesse acontecendo. Quando Alonso terminou de pintar o coelho já era noite. Laguna não fez nenhum comentário. No dia seguinte, quando ele voltou ao ateliê, o coelho não existia mais: estava coberto por uma camada de tinta. Laguna tinha violado o esquema de Alonso. “Desenhe qualquer coisa”, disse ela, dando início a outro processo pictórico.

Antes de ser assistente da artista, Alonso trabalhou com a também pintora Elizabeth Jobim, filha de Tom Jobim. Na casa de Laguna, conheceu outro mundo, com sua rotina simples e a presença forte daquela artista que não estava longe de ser para ele como uma “vovó”, que lhe dizia sempre que, para trabalhar com pintura, bastava ser curioso. Ele conta que Laguna passava dias inteiros numa poltrona disposta de frente para as telas em preparação, mas a grande distância delas, tomando café e fumando cigarros enrolados à mão (quando a entrevistei, ela já não fumava mais).

Com o tempo, Alonso passou a fazer parte da rotina da casa. Começou a levar Laguna de carro para fazer compras no Cadeg, um imenso mercado municipal que fica nas redondezas. Foi ele também quem acompanhou Sancho Laguna em uma de suas últimas idas ao hospital – o marido da artista morreu em 2009. Em seu próprio trabalho, Alonso recebeu a influência vinda de Laguna, inclusive no amplo sentido existencial. “Foi ela quem me mostrou que era possível viver da pintura”, diz.

Nos últimos anos, a artista sofreu seis quedas, o que acendeu o alerta de sua filha, que já estava de volta de um período no Japão, onde deu aulas de flamenco. As duas decidiram que era hora de mudar da Rua Nazário, o centro do mundo de Lucia Laguna, para viver em um lugar que tivesse elevador, em vez de fazê-la enfrentar a geringonça cheia de escadas que é a casa do bairro São Francisco Xavier. “Você sente saudade de lá?”, perguntei à artista, em seu apartamento, no bairro de Laranjeiras. “Muita, muita, muita, muita”, insistiu ela. “Se eu pudesse, voltaria para lá, mas concordei que era preciso preservar alguma coisa”, completou, apontando o próprio corpo. Hoje, a casa está alugada para Alonso.

Em Laranjeiras, a artista costumava descer toda manhã do apartamento onde morava no terceiro andar, rumo ao ateliê, no primeiro piso do mesmo edifício. O ateliê ficava no que foi antes um apartamento, do qual duas paredes acabaram demolidas com o objetivo de privilegiar um elemento importante para a artista: a distância visual da pintura que estava fazendo. O local tem também muitas janelas, mas elas não se abrem para uma paisagem tão formidável como aquela da

Rua Nazário. Por isso, as referências às construções urbanas deixaram de ser tão frequentes nas últimas pinturas de Laguna, dando mais espaço à vegetação. “Aqui, em Laranjeiras, os prédios são todos muito parecidos”, ela justificou em um de nossos encontros. “Fica monótono. A vida das pessoas é muito condensada nos apartamentos.” Em um papel pardo afixado em um mural, ela escreveu à mão os nomes de alguns artistas: Manet, Bosch, Hodgkin (o ex-mentor do professor Charles Watson), Pollock, Luiz Zerbini, Beatriz Milhazes, Hokusai, entre outros.

Laguna pintava pela manhã durante cerca de duas horas. À tarde, chegavam seus assistentes Davi Baltar, de 40 anos (que trabalhou com ela por quinze anos), e João Hisse, de 32 (dois anos com a artista). Sentada em seu sofá, a senhora de 85 anos recorria a uma caneta laser para indicar a eles o que fazer na tela. À sua volta no sofá, ela espalhava uma variada gama de livros de arte, abertos aparentemente de maneira aleatória. Alguns elementos daquelas imagens nos volumes acabavam se refletindo no que a artista estava criando no momento.

Pouco antes da morte de Laguna, as suas telas – que são precificadas e vendidas apenas em dólar – estavam entre os cinco e seis dígitos. O trabalho menos caro custava em torno de 25 mil dólares (cerca de 130 mil reais). A obra que havia atingido o preço mais alto fora a *Paisagem n° 159* (1,40 x 3,30 metros, 2026), vendida por 260 mil dólares (em torno de 1,4 milhão de reais). Logo depois que ela morreu, as vendas foram suspensas para a reorganização do acervo deixado pela artista. “Suspendemos todas as operações para evitar oportunismos comerciais neste momento”, diz Marcia Fortes, da galeria Fortes D'Aloia & Gabriel.

Nas telas de Laguna, os elementos pintados inicialmente às vezes desaparecem no trabalho final porque foram cobertos por outras formas e camadas de tintas. Sobre deles apenas uma sombra, quase invisível. Com o tempo, porém, esses elementos poderão ressurgir nas telas, em decorrência da mutação das tintas na superfície, pois são como “fantasmas”, segundo o artista Eduardo Berliner.

A artista me disse que, se dependesse dela, a paisagem de seus quadros continuaria sempre jovem e colorida. Só depois entendi que também esses fantasmas estão encarregados de renovar a sua obra para as gerações à frente.

Foi uma feliz solução encontrada por alguém cuja preocupação ao criar esteve tão relacionada ao tempo – o tempo futuro, o tempo que resta – e que sempre foi movida pela pressa, como ocorreu com Laguna, que, na definição de seu assistente Davi Baltar, era “uma artista jovem num corpo velho”. ☘